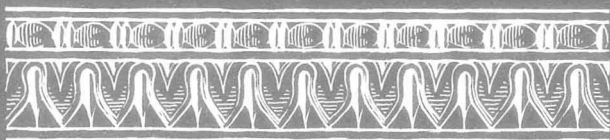


UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

ISSN 0084-9189

PUBLICAÇÃO ANUAL

DIRECTOR

JORGE DE ALARCÃO

SECRETÁRIO DE REDACÇÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para  
recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
PÁLACIO SUB-RIPAS  
P — 3000 COIMBRA

---

PEDIDOS:

DIGLIVRO

Rua Ilha do Pico, 3B — Pontinha  
P — 1675 Lisboa

MOVILIVRO

Rua Gomes Leal, 93, cv.  
P — 4300 Porto

---

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.  
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

J. NORTON

Arqueólogo

JOÃO LUÍS CARDOSO

Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras

C. TAVARES DA SILVA

Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal

M. H. CANILHO

Faculdade de Ciências de Lisboa

### ÂNFORAS DA *VILLA* ROMANA DE VILARES DE ALFUNDÃO (FERREIRA DO ALENTEJO)

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 181-190

**RESUMO:** Os autores estudam um conjunto anfórico recolhido nos restos conservados à superfície de uma *villa* romana, Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo).

Da análise tipológica e do estudo das pastas cerâmicas, conclui-se que a maioria terá sido fabricada nos fornos do Baixo Sado, predominando largamente as formas Dressel 14b e Almagro 51c. Tais resultados são comparados e discutidos, especialmente com os obtidos do estudo das ânforas de S. Cucufate (Vidigueira). Em dois fundos de ânforas Dressel 14 aparece o mesmo grafito e um dos exemplares da forma Almagro 50 ostenta na asa a marca [...] CVRVCVNIN.

**ABSTRACT:** In this article the authors present the study of *amphorae* from a Roman *villa* at Vilares de Alfundão (Ferreira do Alentejo).

Form analysis has been undertaken, as well as fabric and mineralogical observations, by means of thin-sections under petrographic microscope, and origins are broadly assessed.

Comparisons are made with the close roman *villa* at São Cucufate (Vidigueira).

Two spikes of Dressel 14 type were marked with the same *graffiti* and one Almagro 50 handle contained the stamp [...] CVRVCVNIN.

## ÂNFORAS DA *VILLA* ROMANA DE VILARES DE ALFUNDÃO (FERREIRA DO ALENTEJO) (\*)

### 1. Introdução

O presente artigo tem por base materiais provenientes da estação romana conhecida por Vilares de Alfundão, cujas coordenadas são as seguintes: M = 206, 8; P = 127, 1 (Carta Militar de Portugal, folha 509, esc. 1:25.000). Situa-se à cota de 138 m, no concelho de Ferreira do Alentejo (Fig. 1).

Este sítio arqueológico foi referido por Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1936), Abel Viana (VIANA, 1946) e Clementino Amaro (AMARO, 1982), e corresponde a uma *villa* romana de considerável riqueza a julgar pela abundância e qualidade dos materiais recolhidos e pela existência de mosaicos e estuques pintados (Fig. 2 e 3).

Os vestígios detectados e os materiais recolhidos em diversas ocasiões, a seguir a lavras fundas, confirmaram as referências dos autores acima citados.

Por outro lado, os restos encontrados testemunham ocupação ou ocupações que vão do séc. I à época visigótica. Abel Viana (VIANA, 1954) referiu e reproduziu, em fotografia, pedras trabalhadas atribuídas a este período.

Os autores estão conscientes das limitações que decorrem das circunstâncias em que os materiais foram recolhidos: colheitas de superfície, fora de contexto. Pensa-se, contudo, que tal facto não exclui a possibilidade de extrair de tais materiais tudo o que se revele útil e esclarecedor para a investigação arqueológica.

---

(\*) Recolha dos materiais – J.N.; estudo arqueológico – J.N., J.L.C. e C.T.J.; estudo ceramológico – J.L.C. e M.H.C.; desenhos de B. Ferreira.

De todo o conjunto, as ânforas são dos elementos mais importantes, relativamente a dados novos e a algumas questões que podem ser aclaradas e corroboradas através da respectiva análise.

É, pois, pelas ânforas que iniciaremos, com o presente trabalho, o estudo desta estação.

## 2. Análise tipológica

Apesar de o material se encontrar bastante fragmentado, foi possível fazer corresponder a formas determinadas um grande número de peças, discriminadas no quadro seguinte:

	Bordos	Asas	Fundos	Totais
Beltran II		1		1
Dressel 14b	45	36	21	102
Var 1	27			
Var 2	18			
Almagro 50	4			4
Almagro 51c	21	11	12	44
Var 1	3	2	1	
Var 2	6		5	
Var 3	7		6	
Var n/det.	5	9		
Outras n.i.	2	8	6	16
Totais gerais	72	56	39	167

A forma melhor representada é a Dressel 14b, com duas variantes: a primeira apresenta lábio com espessamento de secção subtriangular,

com aresta mais ou menos vincada; na ilha do Pessegueiro, esta variante aparece nos níveis da segunda metade do séc. I (SILVA & SOARES, 1993). A segunda possui lábio de espessamento convexo (alguns exemplares com acentuado espessamento). Esta é uma característica muito comum nas ânforas deste tipo encontradas nos níveis do séc. II da ilha do Pessegueiro e também nos níveis mais tardios da produção da ânfora Dressel 14b dos fornos 1 e 2 da Herdade do Pinheiro (escavações inéditas de F. Mayet e C. Tavares da Silva).

As asas são sempre largas e espessas com uma canelura longitudinal na face externa que pode ter sido praticada, em alguns casos, com o dedo polegar.

Os pés terminam em glande, salvo em dois exemplares, sendo, num destes, cónico e afilado.

Em dois dos pés observam-se grafitos geométricos idênticos.

Nota-se, em grande parte dos lábios, no topo, a presença de grãos de areia, correspondendo à superfície de contacto da ânfora, invertida, com o solo, em certo momento da sua fabricação (MAYET, 1990: 30 e 31).

A ânfora Almagro 51c aparece em três variantes, com as seguintes características:

1 – Lábio com espessamento a tender para convexo; asa partindo da base do lábio. Diâmetro da boca observado num dos fragmentos – 10.6 cm. Pé cilíndrico, oco, bem diferenciado do bojo, com uma depressão na base, fazendo um anel.

Esta variante ocorre na ilha do Pessegueiro em níveis da segunda metade do século III e primeira metade do século IV (SILVA & SOARES, 1993: 117).

2 – Lábio subtriangular; as asas arrancam da aresta do lábio. Diâmetros da boca entre 11.2 e 11.7 cm. Fundo cilíndrico, oco, bem diferenciado do bojo, com base plana. Um exemplar corresponde a uma ânfora com ombros largos, devendo ter o bojo piriforme. É comum nos níveis da segunda metade do século IV das entulheiras dos fornos do Martinhal, perdendo importância, da base para o topo das sequências estratigráficas aí observadas (SILVA, COELHO-SOARES & CORREIA, 1990).

3 – Lábio subtriangular, com asa a fazer corpo com o próprio lábio; diâmetros de boca observados entre 9.8 e 10 cm. Pé subcilíndrico ou cónico, oco, diferenciando-se mal do bojo que seria fusiforme. De acordo com as observações efectuadas na ilha

do Pessegueiro e nos fornos do Martinhal, esta variante desenvolve-se a partir da segunda metade do século IV (prolonga-se pelo século seguinte).

As asas constituem, no seu aspecto geral, um traço comum entre as três variantes: em fita, pouco espessas, em quarto de circunferência.

Nos fornos do Martinhal notou-se desaparecimento tendencial das caneluras longitudinais nas asas, das ânforas mais antigas para as mais modernas.

A ânfora Almagro 50 está representada por quatro fragmentos, sendo possível observar as características dos lábios e asas. Assim, aqueles possuem espessamento externo de secção triangular, num dos casos com um ressalto por baixo do vértice exterior. As asas são de secção ovalada ou subcircular, arrancando do lábio e desenhando com ele uma superfície de forma triangular.

Um dos exemplares apresenta na asa a marca incompleta – [...] CVRVCVNIN – (Est. II, n.º 12).

Esta variante da forma Almagro 50 aparece no estabelecimento de produção de salga da Quinta de Marim (Loulé) em nível datável do segundo quartel do séc. III (SILVA, SOARES & COELHO-SOARES, 1992: 340), e na ilha do Pessegueiro, em níveis da segunda metade do século III e dos inícios do século IV (SILVA & SOARES, 1993: 117).

### 3. Análise das pastas

#### 3.1. Observações macroscópicas

Nas ânforas Dressel 14 foi observada uma pasta esponjosa, algo friável, com escassos e.n.p. superiores a 1 mm.

O núcleo e superfícies são de cor laranja-avermelhada (10 R 6/6).

A pasta nos fragmentos de ânforas Almagro 50 é compacta, não se notando e.n.p. de diâmetro superior a 0.5 mm. O núcleo de uma das peças é castanho claro (5 YR 6/4) e, nas outras, rosado/laranja-acastanhado; o exterior é sempre creme.

Nos exemplares de ânforas Almagro 51c observou-se pasta esponjosa com alguns e.n.p. superiores a 0.5 mm.

No que toca às cores há uma certa variedade tanto no interior,

onde observamos o castanho-avermelhado (10 R 4/6 e 10 R 6/6), como no exterior com tons alaranjados e acastanhados (10 YR 8/6, 5 YR 5/2, 5 YR 6/4 e 10 YR 6/6).

### 3.2. *Observações microscópicas*

As observações foram efectuadas ao microscópio de luz polarizada, em lâmina delgada. Neste capítulo proceder-se-á, primeiro, à descrição das características das pastas para depois se apresentarem algumas comparações com a tipologia anfórica e com materiais de outras proveniências.

Cor – As pastas dos exemplares n.<sup>os</sup> 8, 14 e 15 do catálogo possuem uma coloração alaranjada.

As pastas dos exemplares n.<sup>os</sup> 12 e 22 do catálogo apresentam coloração mais ténue, amarelo-acinzentada.

Porosidade – Todas as pastas revelam elevada porosidade; no entanto, as lâminas dos exemplares n.<sup>os</sup> 15 e 22 mostram pastas um pouco mais compactas, correspondendo a matriz muito mais fina, da qual se destacam grãos de quartzo mais desenvolvidos.

Cortejo mineralógico – Além da componente plástica, as pastas de todas as amostras, exceptuando a amostra do exemplar da Est. II, n.<sup>o</sup> 12, integram, em grande quantidade, grãos de quartzo de pequenas dimensões, rolados ou sub-rolados, que constituem os elementos não plásticos mais abundantes (Fig. 4).

Ocorrem, também, pequenas palhetas de sericite e pontuações de óxidos de ferro. Da matriz referida, destacam-se outros grãos de quartzo de maiores dimensões, que chegam a atingir 2.0 mm de diâmetro; mostram-se pouco rolados, às vezes, mesmo, angulosos ou sub-angulosos, e bastante triturados. Os grãos feldspáticos são muito raros. Em resumo, as pastas dos materiais anfóricos referidos revelam grande analogia quanto aos materiais que as constituem. As diferenças residem, sobretudo, na coloração, na porosidade e ainda na quantidade relativa dos grãos maiores de quartzo. Trata-se, pois, de características relacionadas com processos de fabrico, independentes da natureza da matéria-prima original. A intencionalidade da adição de grãos de quartzo encontra-se sugerida pela descontinuidade da distribuição dimensional respectiva. No entanto, no conjunto observado, a amostra da Est. II, n.<sup>o</sup> 12, apresenta, além dos constituintes referidos, numerosos grãos de



calcário, de granulometria muito uniforme (Fig. 5). Tal composição tem, como adiante veremos, relação estreita com a tipologia.

Relação entre composição e tipologia – Não se evidencia relação entre a natureza das pastas e a forma da ânfora, exceptuando-se o caso da amostra obtida do exemplar da Est. II, n.º 12, a única contendo grãos carbonatados (Fig. 5), pertencente, ao contrário de todas as outras, a uma ânfora Almagro 50.

Relação entre composição e locais de fabrico – À excepção da amostra obtida do exemplar da Est. II, n.º 12, todas as lâminas observadas revelam-se muito homogéneas quanto à composição. Avultam os grãos de quartzo, seguidos dos elementos micáceos, e, por vezes, de grãos de óxidos de ferro, que podem corresponder a minerais ferromagnesianos em estágio de alteração terminal. Trata-se, por conseguinte, de sedimentos muito evoluídos, compatíveis com depósitos aluvionares finos, recolhidos na parte vestibular de importante vale fluvial, como o do Tejo ou o do Sado ou ainda o do Guadiana. Com efeito, as observações anteriormente realizadas em materiais anfóricos recolhidos em fornos dos vales dos dois primeiros cursos de água (COELHO & CARDOSO, 1990 a), são compatíveis com as dos materiais agora estudados; a reforçar tais analogias, nos materiais dos fornos do Pinheiro, foram observados, como nestes, grãos de quartzo mais grosseiros, previamente britados, até 2.0 mm, que não faziam parte da matéria prima original, revelando idêntico processo de fabrico, onde aqueles elementos não plásticos foram utilizados como desengordurante.

Quanto à lâmina obtida do exemplar da Est. II, n.º 12, é idêntica em termos de composição mineralógica, à do conjunto de lâminas de ânforas algarvias anteriormente observadas por um de nós (J.L.C.). Com efeito, a presente amostra, tal como aquelas, é caracterizada pela profusa disseminação, na pasta, de grânulos de calcário criptocristalino, intimamente misturados com a fracção plástica (COELHO & CARDOSO, 1990 b).

Em conclusão, pode admitir-se que a larga maioria, se não a totalidade, dos exemplares do conjunto agora estudado correspondentes às formas Dressel 14b e Almagro 51c (Fig. 6), foram produzidos em fornos do vale do Tejo ou, mais provavelmente, do vale do Sado. Um pequeno conjunto é de possível produção algarvia, como é demonstrado pela tipologia – forma Almagro 50 – aspecto macroscópico (pastas castanho-claro-acinzentadas, muito finas), e análise microscópica (Fig. 5).

#### 4. Discussão, conclusões

O material anfórico recolhido em Alfundão abrange um período compreendido, seguramente, entre a segunda metade do século I e o século V. Com efeito, as duas variantes de lábio da forma Dressel 14b identificadas ter-se-iam desenvolvido durante a segunda metade do século I e o século II; a nossa Almagro 50, algarvia, localiza-se cronologicamente no século III e inícios do século IV; a Almagro 51c está representada por três variantes que foram surgindo, sucessivamente, ao longo da segunda metade do século III, do século IV e do século V (a variante 3 parece ter-se prolongado até mais tarde).

A nossa amostra é exclusivamente constituída por ânforas destinadas ao transporte de preparados piscícolas, dominando esmagadoramente as pertencentes às formas Dressel 14b e Almagro 51c, produzidas, muito provavelmente, no baixo Sado (Fig. 6).

Situação afim verificou-se em São Cucufate (arqueossítio situado a cerca de 20km de Alfundão) onde 96% das ânforas foram utilizadas no transporte de preparados piscícolas, predominando igualmente as formas Dressel 14b (32%) e Almagro 51c (44%) (ALARCÃO, ÉTIENNE & MAYET 1990: 252).

Em Alfundão, e mais uma vez à semelhança do observado em São Cucufate, o século III foi marcado pela importação de ânforas algarvias da forma Almagro 50, talvez veiculadas através do Guadiana, rio que corre apenas a cerca de 35 km. Não podemos, porém, esquecer que a ilha do Pessegueiro, na costa alentejana, produziu, durante a segunda metade do século III e os inícios do século IV, salgas de peixe que teriam sido embaladas em ânforas da forma Almagro 50 oriundas do Algarve e pertencentes à variante que ocorre em Alfundão (SILVA & SOARES, 1993: 117).

Os preparados piscícolas da Bética estão representados em Alfundão apenas vestigialmente (somente um fragmento de asa de uma ânfora da forma Beltran II), enquanto em São Cucufate ocupam, através da presença da ânfora Dressel 7-11, 16% da amostra estudada (ALARCÃO, ÉTIENNE & MAYET 1990: 252).

Não devemos estranhar a ausência, na nossa amostra, de ânforas vinárias e oleárias. Em São Cucufate (*op. cit.*: 1990: 252), numa amostra de 1132 exemplares, somente 0,3% pertencem a ânforas vinárias (formas Haltern 70 e Dressel 2/4), provavelmente importadas na primeira metade do século I, e 4% à ânfora oleária Dressel 20. Sendo

a produção de vinho e azeite já conhecida local e regionalmente, a presença dos referidos exemplares de Dressel 20 testemunham “davantage du goût des maîtres de São Cucufate, désireux d’avoir la meilleure huile du monde romain sur leur table, que de l’insuffisance de la production locale” (*op. cit.*: 252).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R. & Mayet, F. (1990). – *Les Villes Romaines de São Cucufate (Portugal)*, Diffusion de Boccard, Paris.
- AMARO, C. (1982) – Villa Romana do Monte da Chaminé. *Almadan*, O, p. 33.
- COELHO, A. V. P. & CARDOSO, J. L. (1990 a). “Estudo sobre pastas de ânforas de fornos do vale do Tejo e do vale do Sado: análises macro e microscópicas. *Actas das Jornadas Ânforas Lusitanas – tipologia, produção, comércio* (Conimbriga, Outubro de 1988), pp. 267-271. Diffusion de Boccard, Paris.
- COELHO, A. V. P. & CARDOSO, J. L. (1990 b) – Análises ceramográficas de um conjunto de ânforas algarvias. In DIOGO, A. Dias *et al.* (Comunicação apresentada ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, em curso de publicação).
- MAYET, F. (1990). – Typologie et Chronologie des Amphores Lusitaniennes *Actas das Jornadas Ânforas Lusitanas – tipologia, produção, comércio* (Conimbriga, Outubro de 1988), pp. 29-35. Diffusion de Boccard, Paris.
- SILVA, C. Tavares da; COELHO-SOARES, A. & CORREIA, V. H. (1990). Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres). *Actas das Jornadas Ânforas Lusitanas – tipologia, produção, comércio* (Conimbriga, Outubro de 1988), pp. 225-246. Diffusion de Boccard, Paris.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; COELHO-SOARES, A. (1992) – Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta de Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*, vol. IX-X, pp. 335-374.
- VASCONCELOS, J. A. (1936). *Etnografia Portuguesa*, vol. III, p. 717 – Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIANA, A. (1946) – Pelo Baixo Alentejo – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas. *Arquivo de Beja*, vol. III, p. 33.
- VIANA, A. (1954) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, vol. XI, pp. 9-12.

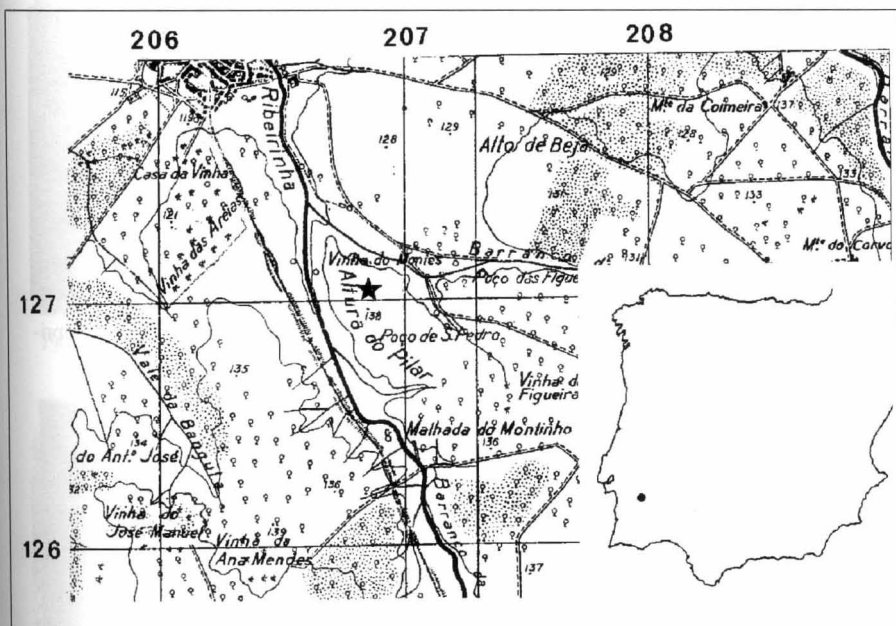


FIG. 1 – Localização da estação na Carta Militar de Portugal, na escala 1:25.000

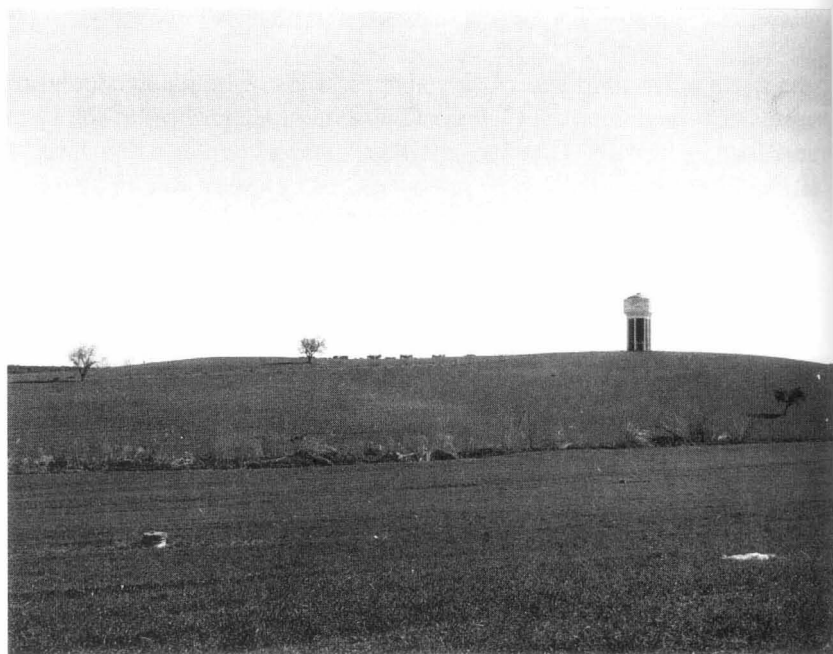


FIG. 2 – Vista geral da estação, em último plano, notando-se ligeira plataforma deprimida, correspondente à implantação da *villa*

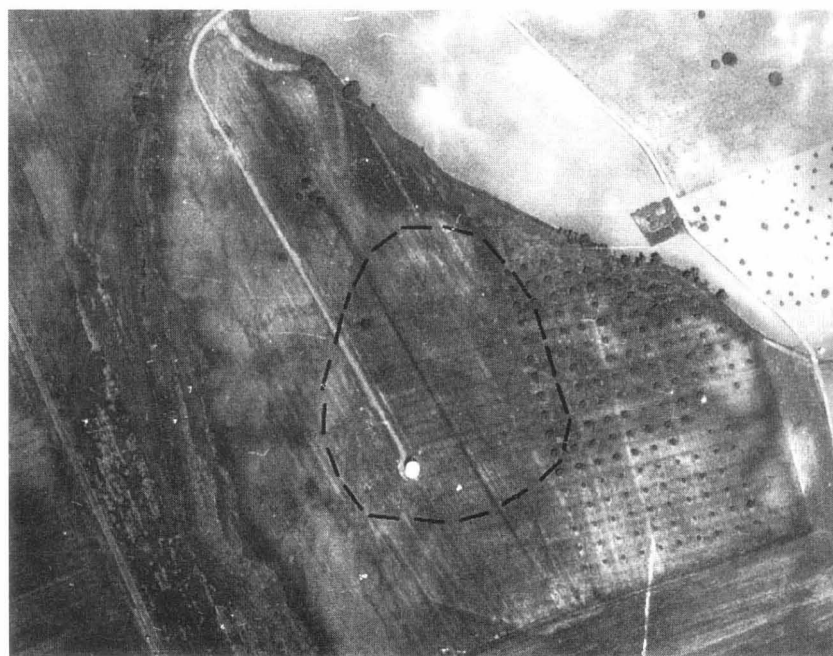


FIG. 3 – Vista aérea vertical da área correspondente à estação, delimitada a tracejado

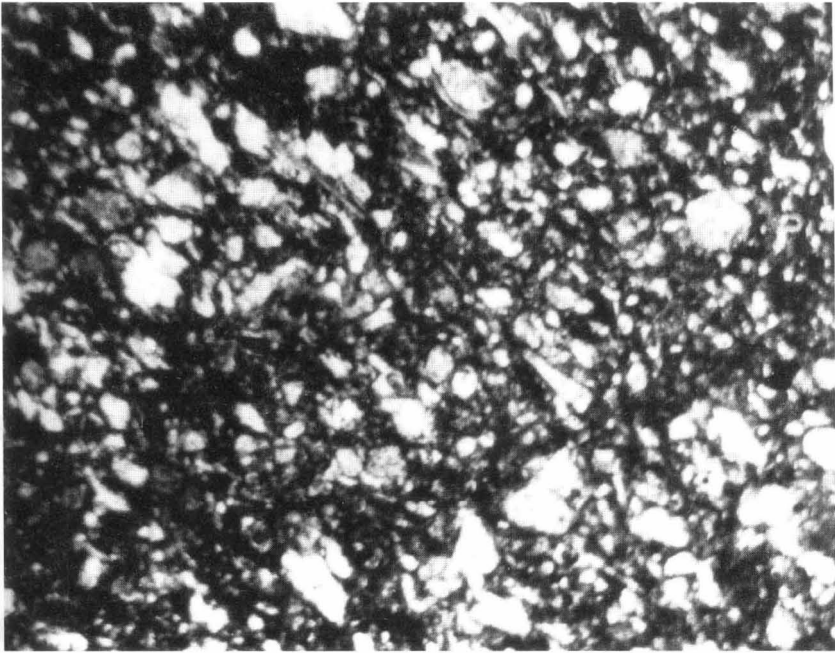


FIG. 4 – Vista ao microscópio petrográfico da pasta da ânfora da Est. I, n.º 8, evidenciando matriz constituída por abundantes grãos de quartzo (X 46)

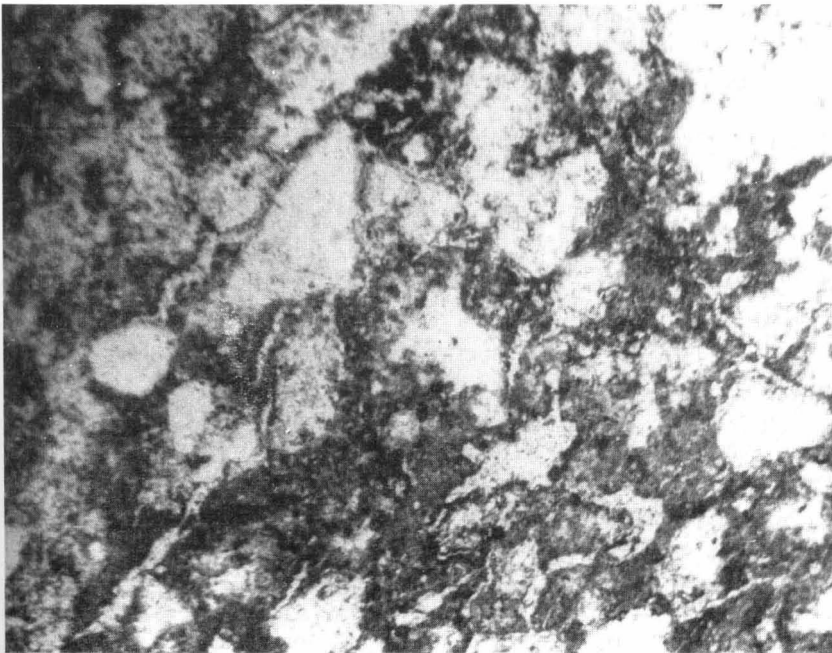


FIG. 5 – Vista ao microscópio petrográfico da pasta da ânfora da Est. II, n.º 12, evidenciando cristais de calcite e fracturas com preenchimento (X 46)

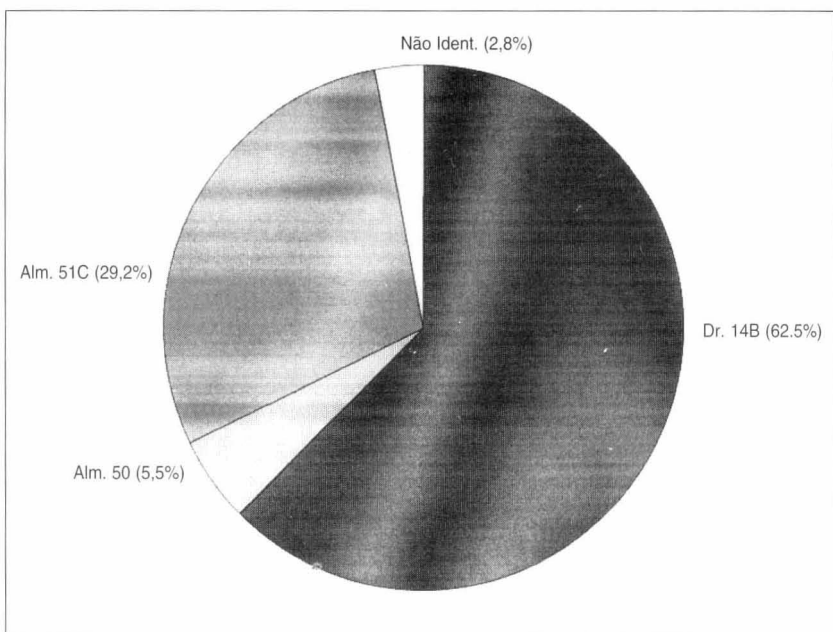


FIG. 6 – Formas de ânforas encontradas em Alfundão (não se considera o exemplar da forma Beltran II pelo facto de não corresponder a bordo, único elemento considerado na determinação do número mínimo de exemplares)

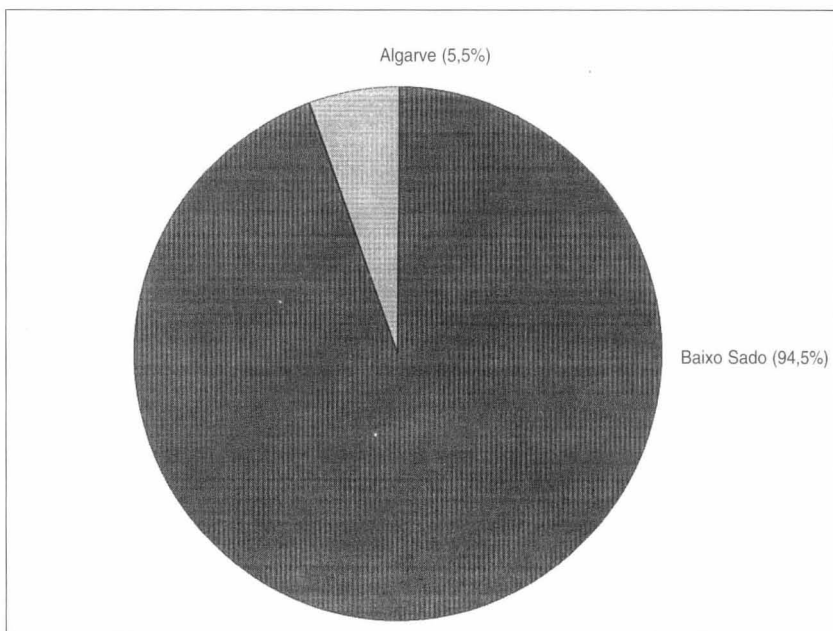
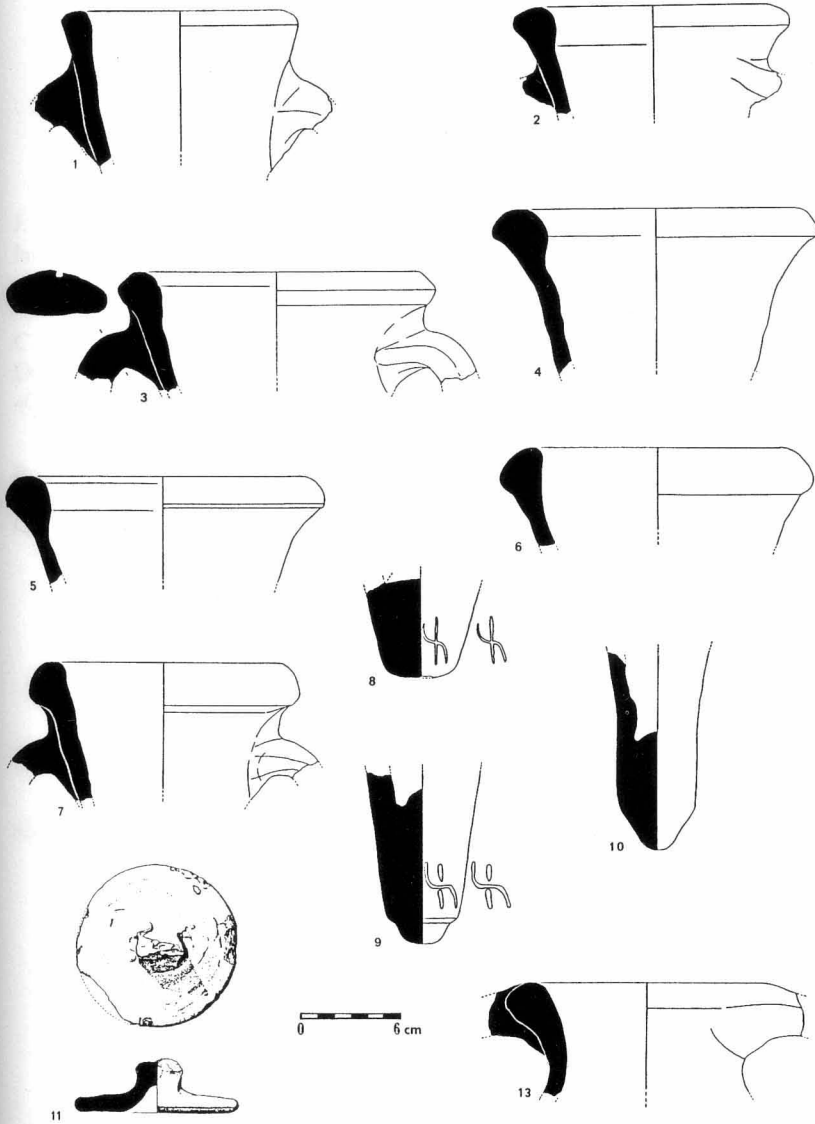
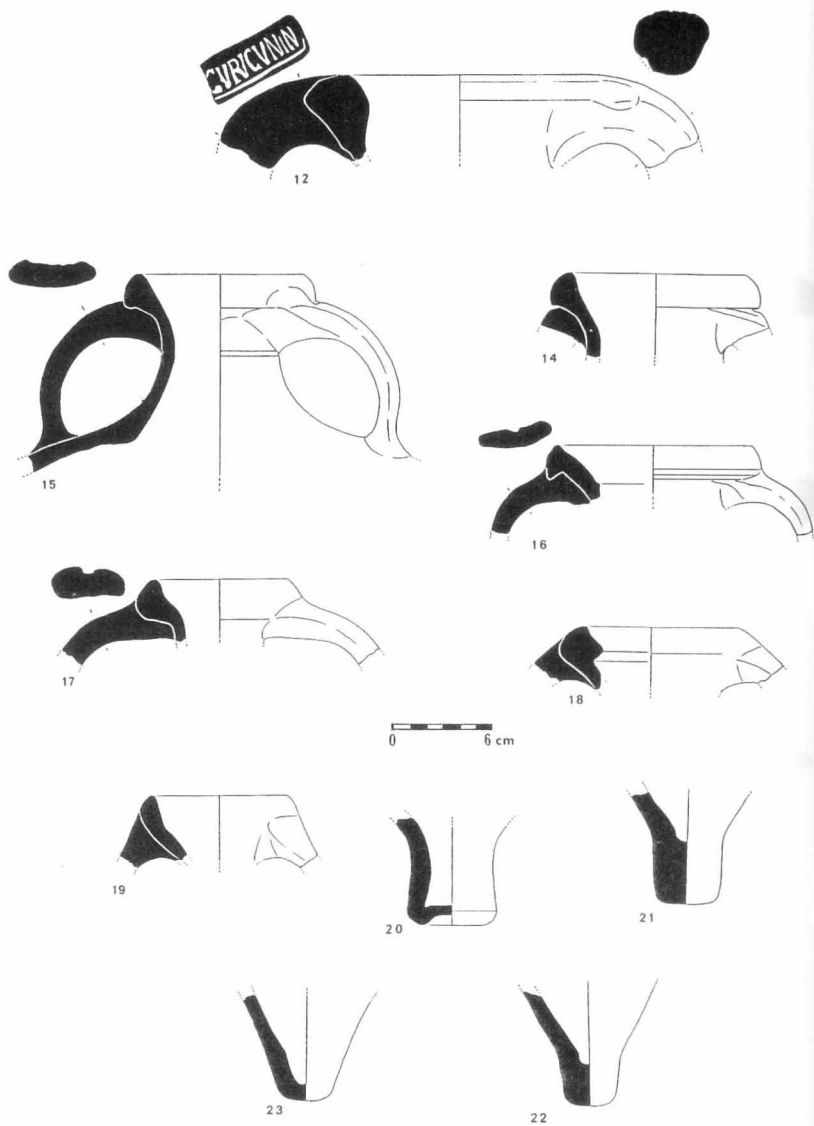


FIG. 7 – Proveniência das ânforas de Alfundão (não se considera o exemplar da Bética-forma Beltrán II, pelas razões apontadas na legenda da Fig. 6)



Exemplares de ânforas das formas Dressel 14b (n.ºs 1 a 10) e Almagro 50 (n.º 13). O n.º 11 é um opérculo de ânfora da forma Dressel 14b





Exemplares de ânforas das formas Almagro 50 (n.º 12) e Almagro 51c (n.ºs 14 a 23). O n.º 12 apresenta, sobre a asa, a marca ]CVRVCVNIN.